

22 setembro



Afinal, há esperança para viúvos, apesar de nunca me ter passado pela cabeça tal desfecho: Aos 82 anos, Lili Caneças revela que procura um homem: "Não me estou a ver com um velhote". Socialite admite que gostava de ter companhia para viajar e viver novas experiências. Para a idade e apesar de 2 kg de make up na tromba, parece mais nova que muitas de 50 anos. Terá andado pelo Epstein a fazer tratamento de rejuvenescimento? Aos 82 anos, Lili Caneças continua a olhar para a vida com vontade de concretizar novos sonhos. A conhecida socialite admite que gostava de voltar a ter um homem especial ao seu lado. Aos 82 anos, Lili Caneças continua a olhar para a vida com vontade de concretizar novos sonhos. A conhecida socialite admite que gostava de voltar a ter um homem especial ao seu lado. Lili Caneças explica que gostaria, sobretudo, de encontrar alguém com quem pudesse partilhar viagens e momentos especiais. "Não queria alguém para casar, jamais me casaria outra vez, mas ter alguém que me fizesse boa companhia, por exemplo para passar um fim de semana em Paris, alguém com possibilidades e com quem eu me desse bem", revelou. Apesar do desejo, a socialite reconhece que não será fácil encontrar esse companheiro. "Acho que é difícil, porque as pessoas não estão viradas para isso. Uma pessoa de mais idade quer também uma miúda jovem", afirmou, acrescentando: "A idade, de facto, é só um número, mas eu não me estou a ver com um velhote ao meu lado que mal possa andar", confessou. Quanto a um homem mais jovem, também não vê essa possibilidade. "Um jovem também não acho normal porque tenho filhos com 50 anos, por amor de Deus. Não venho muito a propósito...", afirmou. "Acho que só fora de Portugal, talvez, nunca se sabe", disse ainda. Lili Caneças garante ainda que continua a cuidar de si e a manter uma vida ativa. "Eu cuido-me, vou três vezes por semana ao ginásio e, quando não vou ao ginásio, vou andar para a marina e a maior parte das pessoas não se cuida", explicou. "Sei que estou na fase final da minha vida, vivo o aqui e o agora. Não penso no amanhã, mas sei que tenho montes de sonhos para realizar", rematou.

Dito isto comecei a pensar os prós e contras, sei à partida que o José Castelo Branco (agora sem Betty) seria o par ideal, mas ela, provavelmente, não gosta de apanhar tarefa. Afinal ela e eu somos da mesma geração, mas ao menos ano, mas não acredito que ela só tenha 81 anos, cheira-me mais a 96 apesar das plásticas, o que seria um problema com ela a rir-se das histórias de vida (dela e as que inventou) sempre que se risse levantava uma perna ou um braço. E poupava-se na TV só a ouvir a vida dela que eles meu cálculos duraria exatamente 6 meses. Eu não teria muito a contar pois a minha vida, se bem que preenchida, colorida e complexa seria monótona comparada à dela. Se ao menos eu fosse imigrante ilegal islâmico teria mais material para conversa. Fiquei satisfeito por lá não querer casar pois eu também não, pois se convidasse todos os parentes, filho e netos anteriores possivelmente não seria um casamento mas uma batalha campal. Quanto ao velhote que mal possa andar creio estar ainda dentro dos limites que lá impões, desde que não me force muito. No entanto quando ela cita "passar um fim de semana em Paris, alguém com possibilidades e com quem eu me desse bem" fico logo aflito pois não sei se ela aceitaria ir na Ryanair que eu não tenho fundos para a Air France. Essa união traria o benefício de ela fazer publicidade gratuita aos meus livros e seria melhor do que a atual que ela faz ao Bankinter. Mas esperar 3 horas todas as manhãs que ela se aprontasse para ir tomar um café creio que seria demais. E ter de olhar para aquela cara de broche ou papo seco todos os dias com a voz esganiçada era homicídio pela certa.

Só tenho pela que a Nini não esteja aqui ao lado a rir-se a bandeiras despregadas desta ironia....



Hoje foi um dia especial para 25 jovens portugueses e 10 da Estónia, pois tomaram parte num voo parabólico e durante alguns segundos estiveram com a gravidade zero. Um voo sem gravidade, ou voo parabólico, é uma manobra especial de avião que simula a ausência de peso (microgravidade) através de trajetórias em formato de parábola. O avião inclina o nariz para cima num ângulo forte, puxando os passageiros para baixo com o dobro da gravidade normal (2G). Queda livre (Zero-G): No topo da trajetória, o piloto reduz a potência e o avião entra em queda livre controlada. Os passageiros flutuam livremente na cabine durante cerca de 20 a 30 segundos por cada parábola. O avião recupera o voo normal, voltando a exercer uma forte pressão sobre os corpos antes de repetir o ciclo.

Tinha 76 anos, era bem mais famoso que eu, embora não fosse dos meus músicos favoritos, Jorge Palma faleceu hoje com uma paragem cardiorrespiratória e eu, sem fama, nem música, resisti a quatro PCR e ainda cá ando. Talvez a sociedade tivesse apreciado mais a troca, dado que ele era muito querido por muita gente, por seu louco, entre outras doenças do foro aditivo. Tal como aconteceu com a morte de Luís Represas, o palácio de Belém transmuta-se em feira popular e passa o dia a transmitir em altos brados as músicas de Jorge Palma. Que me desculpe quem lá habita, mas acho dum piroscice extrema, demasiado Bangladeche para o meu gosto. E quando eu morrer, vão passar o dia a ler os meus poemas???



Tinha 81 anos. Faleceu José Viale Moutinho. Ignoro por que razão sempre pensei nele como português... Nasceu no Funchal, em 1945. Jornalista e escritor, tem várias obras editadas, algumas delas traduzidas nas mais diversas línguas, como o russo, búlgaro, castelhano, alemão, italiano, catalão, asturiano e galego. Estreou-se em 1968 com a novela Natureza Morta Iluminada. Foi director da Associação Portuguesa de Escritores, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, do Círculo de Cultura Teatral e presidente da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. Associado do PEN PORTUGAL, da Academia de Letras de Campos do Jordão (Brasil) e membro honorário da Real Academia Galega. Autor de cerca de meia centena de livros para crianças, bem como de trabalhos nas áreas de investigação de Literatura Popular, da Guerra Civil de Espanha e da deportação espanhola nos campos de concentração nazis, bem como de estudos sobre Camilo e Trindade Coelho. Ficcionista e poeta, recebeu, entre outros: Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco / APE, Prémio Edmundo de Bettencourt de Conto e de Poesia, Prémios de Reportagem Kopke, Norberto Lopes / Casa da Imprensa de Lisboa e El Adelanto (Salamanca); Pedrón de Honra (Santiago de Compostela). Traduções em castelhano, galego, catalão, italiano,

alemão, russo, esloveno, búlgaro, asturiano, entre outros idiomas. Ao contrário de mim (apenas uns poemas traduzidos), e desmerecedor de prêmios que eu saiba, enquanto ele era pró-galego normativo da RAG eu sou da AGLP. Opção da qual muito me orgulho.

677. DA MGF À APOSTASIA, parte 1 22/9/2026



Só com mutilação genital feminina (MGF) ou circuncisão feminina é que os islâmicos acreditam na fidelidade das mulheres mesmo tapadas da cabeça aos pés? Ainda bem que não sou islâmico e tive mais sorte. Os deuses estiveram comigo, mas Alá não.

Estive casado com uma mulher fiel a quem não foi necessário fazer justo, bem sei que não era mouro geneticamente e isso pode contribuir. De qualquer modo, não lhe fizeram isto. Já quanto às outras que foram infiéis, ficarei para sempre na dúvida se não as deveria enviar primeiro para o califado. Atualmente, há 200 milhões de raparigas e mulheres que sofreram mutilação genital. Em que países? Por que razões? E quais são as consequências? A mutilação genital feminina (MGF) refere-se aos procedimentos que envolvem a remoção parcial ou total dos órgãos genitais externos femininos ou qualquer outra lesão nos órgãos genitais das mulheres sem justificação médica. Tradicionalmente, a circuncisão é feita com uma lâmina e sem qualquer anestesia. Apesar de ser reconhecida como uma violação dos direitos humanos, cerca de 68 milhões de raparigas continuam em risco de sofrer mutilação genital até 2030. Em que países é praticada a circuncisão feminina? A MGF concentra-se principalmente em 30 países na África e no Médio Oriente, mas também é praticada em alguns países asiáticos e da América Latina e ainda entre comunidades que provêm destas regiões. Apesar de ser ilegal na UE, e alguns dos Estados-membros condenam o ato mesmo quando é feito fora do país, estima-se que hoje em dia vivam cerca de 600 mil mulheres na Europa que foram vítimas de MGF e que outras 180 mil raparigas ainda estejam sob risco em 13 países europeus. Atrasados, retardados, primitivos! Chamem-me islamófobo, vocês que são civilizacionóforos: ao contrário do que muitos pensam, não é uma metáfora científica e social para explicar o enorme aumento das doenças alérgicas no mundo moderno, associado ao estilo de vida urbano, à poluição e a ambientes excessivamente limpos. Sim, os sarracenos recusam-se a seguir as normas sociais estabelecidas. Rejeitam a escolaridade ou a cultura dita "erudita" por considerá-la elitista. Prefere um estilo de vida mais livre, primitivo ou isolado. Todas as noções do mundo ocidental nestes últimos 200 anos são liminarmente rejeitadas pelo Islão estagnado no ano 647. O Islão é uma ideologia (a religião anda atrelada) que exclui a vida dos infiéis, ou islâmico ou morto seria a melhor forma de o descrever. Recusa-se a seguir as normas sociais estabelecidas. As mulheres não podem estudar e tem de andar todas tapadas, seja com burca ou outro instrumento de tortura visual. Há poucas exceções: em seus campi só para mulheres, as **estudantes de universidades da Arábia Saudita se libertam**. Ténis da moda, blusas coloridas, uma infinidade de penteados. Algumas experimentam com luzes nos cabelos ou até tintura azul. As mais aventureiras também deixam o cabelo curto. Em suas bolsas, os livros didáticos são variados, mas um item é obrigatório: um vestido preto que vai até o chão no estilo abaya (abaia, abava), de que cada uma delas precisa para se cobrir na hora de sair dos portões da universidade e voltar ao mundo externo. A Arábia Saudita gasta bilhões de dólares para melhorar a educação de mulheres, como parte de um incentivo maior para melhor preparar os jovens sauditas para o mercado de trabalho. Isso quer dizer campi reformados, melhores estruturas e programas de pesquisa e uma pequena expansão no currículo para mulheres. Durante anos, o Rei Abdullah tem tomado ações estarrecedoras para reduzir as restrições que afetam mulheres no reino, onde a palavra dos clérigos Wahhabi, rígidos e ultraconservadores, é praticamente lei. Mas um olhar dentro das universidades femininas que surgiram nas últimas décadas ilustra como a mudança só aconteceu até certo ponto. Dentro do campus – um mundo estritamente de alunas, professoras e funcionárias – as mulheres têm algumas liberdades maiores. Mas fora deles, elas permanecem atadas a uma rede de costumes e rigidez religiosa. As mulheres são mantidas segregadas dos homens, barradas de direitos simples como dirigir e obrigadas a aderir um código de vestimenta estrito que geralmente requer que elas cubram os cabelos e o rosto com um véu negro. Elas são controladas pelas vontades de seus parentes homens, e precisam da permissão deles para trabalhar, ir à escola e viajar dentro das "leis de guarda". Por causa dessas restrições, segundo as ativistas dos direitos das mulheres, a tentativa do rei de modernizar a nação rica em petróleo sempre fracassará. "Não importa o que aconteça, as mulheres ainda estão presas pelas leis de guarda dos homens e normas culturais rígidas", afirmou Aziza Yousef, professora da Universidade Rei Saud, para mulheres. "Se você tiver sorte e seu guardião for bom, você poderá avançar na vida sem problemas. Se você está em uma família onde o guardião for rígido, sua vida será paralisada."

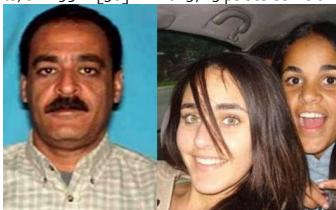
Dito isto, esclareçamos dez coisas que a mulher na Arábia não pode fazer: Buscar justiça (de verdade) contra agressões

1. *Buscar justiça (de verdade) contra agressões. A Arábia Saudita aprovou apenas em 2013 a criação de leis contra a violência doméstica e o abuso sexual. Mas a punição dada é geralmente uma multa em dinheiro. Segundo um estudo de 2013 feito com informações dadas por 200 mulheres casadas ouvidas na cidade saudita de Jeddah, pelo menos 44,5% delas relatou ter sofrido agressões dos maridos --mas só 6,5% delas buscou tratamento médico. E mais da metade delas acredita que a mulher merece ser agredida se o marido descobrir uma traição. O agravante é o fato de a tradição determinar que os problemas familiares sejam resolvidos no próprio meio familiar. A imprensa relata um caso em que uma jovem foi estuprada por um gangue. Por causa disso, ela foi punida pela Justiça e recebeu mais chibatadas do que os agressores.*
2. *Viagens sem um guardião, as mulheres só podem viajar com a companhia ou a autorização de um guardião (um mahram), um homem da família como o pai, marido ou irmão. O governo já disse recentemente que pode levantar a restrição e permitir que a mulher viaje sem a permissão de seus familiares, mas a medida tem grande risco de ser vetada pelos religiosos. Já em território saudita elas circulam sem guardiões até mesmo nas áreas mais tradicionais. Segundo Débora, as mulheres vão trabalhar sozinhas e voltam às vezes andando quando estão perto de casa, ou usam vans --com outras mulheres e um motorista. "Em Riad, elas até usam aplicativos como Careem e Uber para ir ao shopping ou sair para comer só com as amigas", conta.*
3. *Conduzir/Dirigir. As mulheres são impedidas de dirigir há décadas. Segundo clérigos, mulheres motoristas minam os valores sociais e até prejudicam seus ovários, colocando suas futuras gestações em risco. Em setembro de 2007, um grupo de mulheres intelectuais sauditas criou a primeira associação no reino para reivindicar o direito a dirigir. O habitual é que as autoridades detenham as motoristas e apreendam o veículo, até que um tutor --um homem da família-- se apresente na delegacia e assine um documento no qual garanta que a infração não vai se repetir. "Conheço várias mulheres que reclamam pelo fato de não poderem dirigir, acham um absurdo, gostariam de sair sozinhas. Mas, da mesma forma, conheço muitas que concordam com a lei e adoram o fato de terem motorista para levá-las para cima e para baixo. Isso basta para muitas delas", conta Débora.*
4. *Vestir a roupa que quiserem. A vestimenta exigida para as mulheres segue a interpretação da sharia. Elas devem usar a abaya, um longo vestido preto de manga longa que cobre totalmente o corpo. Elas também devem cobrir os cabelos com um véu, mas não necessariamente o rosto todo. Débora diz que a liberdade de vestimenta pode ser maior (ou não) dependendo do quanto a família é conservadora. "No meu trabalho, só posso usar saia longa e blusa de manga comprida. Mas as alunas podem usar o que quiserem. Mesmo assim, a maioria delas continua de abaya quando entra no curso, e as que escolhem ir de calça comprida enfrentam os olhares das alunas mais conservadoras, que consideram haram [pecado] usar calça mais justa". Débora diz ainda que a polícia religiosa tem uma rígida fiscalização. "Aqui é obrigatório cobrir o rosto. Em cidades grandes como Riad, Jidda e Danam, nenhuma mulher é obrigada a usar o niqab para cobrir o rosto; mesmo assim a grande maioria usa." O mesmo vale para a maquiagem. Mas, segundo Débora, a grande maioria das mulheres usa (e abusa) da maquiagem. "Elas vão super maquiadas para a faculdade e para o trabalho. O que não pode é fazer a sobrancelha --tirar os pelos não pode, mas fazer o desenho com descolorante é permitido."*

5. *Interagir com homens, A mulher não deve falar com homens que não são de sua família. "Um homem e uma mulher que não sejam casados ou da mesma família não podem estar juntos em público, não podem estar sozinhos no mesmo veículo, não podem ir ao um restaurante juntos. Quando você vai a uma loja, ao banco ou ao restaurante, você obrigatoriamente vai ter de falar com um homem. Isso é aceitável em qualquer cidade da Arábia", relata Débora. A maioria dos prédios possui entradas diferentes para homens e mulheres, e parques e até o transporte público têm áreas segregadas para mulheres.*
6. *Entrar em cemitérios, Uma mulher será enterrada em um cemitério, mas não poderá participar do funeral de seus parentes, já que elas são proibidas de entrar no local. Mas não se engane: os sauditas não dão muita atenção a funerais; até o sepultamento do rei foi simples. "Eles acreditam que os mortos podem nos ouvir. Então as mulheres não devem ir aos enterros porque, emotivas por natureza, iriam chorar muito e incomodar os mortos", explica Débora. Outro motivo é o fato de que não se deve rezar ou fazer súplicas para os mortos, e supostamente as mulheres poderiam fazer isso.*
7. *Disputar competições desportivas em seu território, A participação de mulheres nos desportos tem grande oposição dos religiosos. Até o ensino de Educação Física é proibido nas escolas para elas. Neste ano, a Arábia Saudita se propôs a sediar os Jogos Olímpicos sem competições femininas --elas seriam disputadas no Bahrein, que participaria da candidatura conjunta. A ideia foi vetada pelo Comitê Olímpico, que classificou a proposta como discriminatória. Mas, em 2012, as mulheres sauditas puderam pela primeira vez disputar uma Olimpíada --ainda que tenham sido chamadas de prostitutas pelos clérigos radicais do país. Aos 16 anos, a judoca Wodjan Ali Seraj Abdulrahman Shahrkhani foi uma das duas primeiras mulheres a disputar uma Olimpíada, em Londres. Ela disputou as provas com um véu depois de uma discussão com o comitê, que chegou a um acordo sobre um modelo que cobriria os cabelos dela. A outra é a atleta Sarah Attar, que também correu de véu e calças.*
8. *Usar academias e piscinas sem restrições. Se você vive em uma cidade grande, há opções de academias femininas semelhantes às brasileiras. Mas, nas áreas menores e mais tradicionais do país, malhar é algo quase impossível. "Academias existem só dentro de clínicas ou salões de beleza ou estética e, mesmo assim, com várias restrições", relata Débora. "São poucos aparelhos e horários bem reduzidos". Uma repórter da agência de notícias Reuters contou recentemente que, apesar de estar hospedada em um hotel de luxo em Riad com uma excelente academia e uma grande piscina, foi impedida até mesmo de conhecer os lugares. "Há homens em trajes de banho lá" disse o funcionário do hotel em choque com o pedido de Arlene Getz. O que foi disponibilizado para ela se exercitar foi uma pequena sala com uma esteira e uma bicicleta ergométrica.*
9. *Se consultar com um médico sem a presença de seu guardião. Segundo a ONG Human Rights Watch, foi aprovada recentemente uma fatwa (decreto religioso) determinando que mulheres não sejam examinadas por médicos sem a presença de seus guardiões. Elas só podem expor partes do corpo para homens em casos de emergência médica. Mas Débora afirma que tanto ela como as outras mulheres do país conseguem atendimento sozinhas com médicas mulheres sem dificuldades.*
10. *Comprar uma Barbie, a famosa boneca americana, foi banida na Arábia Saudita em 2003, já que seria uma ameaça à moralidade. As meninas do país têm a Fulla, criada na Síria e que no mesmo ano ganhou os mercados sauditas. Ela também vem em uma caixa rosa e tem uma coleção de véus que podem ser trocados. Ela não tem namorado (como o Ken) e, além de cozinhar, cantar e rezar (em vez de ter uma vida típica americana, como a Barbie), atende a um mercado consumidor que demanda uma boneca que represente as tradições islâmicas. Além disso, a Fulla custa a metade do preço da Barbie.*

. **A apostasia** De acordo com Abdul Rashied Omar, a maioria dos estudiosos muçulmanos modernos continuam a manter uma visão tradicional de que a pena de morte por apostasia é necessária de acordo com os hádices e a Sharia. Os juristas muçulmanos que apoiam a execução dos apóstatas apontam frequentemente para um hádice - uma tradição atribuída ao Profeta Maomé no século VII - que afirma que um muçulmano que deixa a religião deve ser morto. Outros argumentam que a pena de morte é uma punição inadequada inconsistente com as injunções do Corão, visto que foi promulgada em um momento em que a primeira comunidade islâmica enfrentava inimigos internos que ameaçavam a sua unidade e segurança, sendo necessário impedir e punir o que seria equivalente a uma deserção ou traição e devia ser aplicada somente se a apostasia passasse a se tornar um mecanismo de desobediência civil e de desordem (fitna). Como tal, muçulmanos moderados rejeitam tal pena. De acordo com críticos, a pena de morte ou outra punição por apostasia no Islão é uma violação de direitos humanos universais e um problema de liberdade religiosa e de consciência. Alguns consideram que a apostasia no Islão é um tipo de crime religioso, embora outros não.

Ahmed Mohamed el-Tayeb o imã da Mesquita de al-Azhar do Cairo desde 2010, afirma que os estudiosos islâmicos clássicos e contemporâneos concordam que a apostasia é um crime potencialmente punível com a morte. Para ele, não há contradição entre defender o princípio da liberdade religiosa e sancionar o assassinato de cidadãos simplesmente por mudar suas crenças religiosas: "a liberdade de crença é uma coisa e a liberdade de renunciar a uma crença religiosa particular (i.e. o Islão) é outra coisa. Sob as leis atuais em países islâmicos, a punição prescrita para o apóstata (murtadd مurtد) varia de execução, prisão ou nenhuma punição. Tribunais da sharia em alguns países, usam o código civil para anular o casamento de um muçulmano apóstata e negam os direitos de guarda de seus filhos, bem como seus direitos de herança. Entre 1985 e 2006, quatro pessoas foram executadas por governos islâmicos por apostasia: no Sudão, em 1985; dois no Irão, em 1989 e 1998; e na Arábia Saudita, em 1992." [30] Em 2013, 23 países de maioria muçulmana tinham a apostasia em suas leis penais e 13 consideravam-na punível com a pena capital.



17,3 mil 6,3 mil 4,8 mil

✶ **Amor de pai, Religião da paz?** Pois... nem por isso. O taxista egípcio Yaser Abdel Said matou as suas filhas do Texas no seu táxi depois de elas terem namorado rapazes não muçulmanos. Amina Said tinha 18 anos. Sarah Said tinha 17. A 1 de janeiro de 2008, ele disse-lhes que iam comer, conduziu até Irving e abriu fogo no táxi perto de um hotel. A Amina foi alvejada duas vezes. A Sarah foi alvejada nove vezes e ainda conseguiu contactar um operador do 112. «Socorro, o meu pai alvejou-me. Estou a morrer, estou a morrer.» Said nasceu no Egito em 1957 e trabalhava em táxis em Dallas. Os procuradores afirmaram que ele tratava as raparigas como propriedade, detestava que elas recusassem casamentos arranjados e considerava que as suas vidas americanas eram uma mancha na honra da família. A mãe delas, Patricia Owens, é americana. Mais tarde, ela afirmou que ele a tinha maltratado durante o casamento. O irmão deles, Islam, ajudou-o a esconder-se. Said esteve em fuga durante 12 anos e integrou a lista dos Dez Mais Procurados do FBI. Os agentes detiveram-no a 26 de agosto de 2020. Um júri do condado de Dallas condenou-o por homicídio qualificado a 9 de agosto de 2022. Há muitos anos escrevi sobre este aborto de ideologia. A sentença foi de prisão perpétua sem liberdade condicional. Chamam isso de honra. Foram duas raparigas americanas mortas por se comportarem como se vivessem no Texas. Mais sorte teve em Sydney (Austrália), a Fawsia, quando andei com ela, sem ser apanhada e antes de ser obrigada a casar com um velho de 60 anos, apesar de ela viver na Austrália desde muito pequena. Há mais de 30 anos (creio que teria sido em 1991), conheci em Sydney Fawsia, jovem afegã de 18 anos, a quem arranjei emprego numa "Traineeship". Era uma jovem desinibida, ocidentalizada, que crescera na Austrália desde os 3 anos. Foi proibida pela mãe e irmão de namorar quem quera e casou, à força, com um idoso de 60 anos escolhido pela família. O mais curioso desta realidade cruel é que, por uma inacreditável coincidência, quando estive em contrato noutra ministério, o irmão dela trabalhava lá e eu assim soube o que se passara. Fiquei triste, o meu casamento já andava pelas ruas da amargura e a Fawsia era um doce de mulher jovem. Foi um affair sensual, mais do que platónico, uma experiência única para ela que nunca tinha beneficiado da liberdade de um beijo, um abraço, uma carícia. Foram dias tórridos, e uma vez levei-a a jantar marisco (que ela nunca provara a um restaurante sob a ponte (Sydney Harbour Bridge, talvez, embora eu já não esteje certo do nome, Harbouroffront Seafood Restaurant). Jamais a esqueci, olhos almembrados duma beleza indefinida. (São caracterizados por um formato alongado, com o canto externo ligeiramente mais alto do que o canto interno, lembrando o desenho de uma amêndoa).

Parentalidade desnecessária: ao longo dos anos, raras vezes tivemos de ir aos estabelecimentos de ensino do Miguel, do Bebê e do João, e, mesmo assim, fomos vezes demais pelos motivos que invocaram para a nossa presença. Durante muito tempo, sempre me gabei de que, desde a escola primária, nenhum progenitor me acompanhara ao liceu ou à universidade, com tudo de bom e de mau que isso acarreta. Uma única ocasião em toda a minha vida académica em que gostava de ter tido a presença dos meus pais (e não apareceram, como sempre faziam, primavam pela ausência ou incentivos ao filho foi quando fiz a estreia em 22/04/1969 no Teatro de São João numa peça TUP, com música de Zeca Afonso, cenários do alfundeguense contemporâneo da minha mãe, Mestre José Rodrigues, o designer Mário Viegas e a Manuela Melo, que seria locutora da RTP e vereadora da CMP.

Hoje ri-me a bandeiras despregadas a ler o oposto do que se passou comigo. Luís Galego: «Uma pessoa conhecida da minha mulher explicava-lhe, há dias, que se atrasara a entregar-lhe uma coisa que ambas tinham combinado porque estivera numa receção para encarregados de educação. Ingenuamente, perguntei onde ficava o infantário que a filha frequentava. Riu-se como se eu tivesse acabado de lhe oferecer uma rara peça de comédia britânica e agradeceu-me, entre gargalhadas, por a ter considerado tão jovem. Não era, evidentemente, uma criança. Era a filha que acabara de entrar no ensino superior, num curso de Economia, numa instituição antiga e conceituada precisamente no domínio das ciências económicas e financeiras.

Ou seja, uma criatura perfeitamente habilitada a estudar curvas de oferta e procura, mas aparentemente ainda acompanhada pelos respetivos "encarregados de educação". Confesso que fiquei a pensar no assunto. Quando entrei para a universidade, os meus pais não foram convocados para qualquer receção, sessão de acolhimento ou cerimónia destinada a explicar-lhes como funcionava a vida académica do filho. E, tanto quanto me lembro, ninguém considerava particularmente estranho que um jovem chegasse ao ensino superior e fosse, a partir daí, tratado como alguém que já tinha idade para responder pelos próprios atos. Depois da quarta classe, aliás, os pais raramente punham os pés na escola. E nós, estudantes, teríamos considerado uma invasão de privacidade quase ofensiva que o fizessem. Hoje parece existir uma espécie de síndrome coletiva de tutela prolongada. A criança cresce, muda de escola, entra na universidade, talvez faça Erasmus, tire um mestrado, aprenda a conduzir, vote e, em casos particularmente audaciosos, até consiga ter uma profissão. Mas, pelo caminho, há sempre uma instituição pronta a convocar os pais para lhes explicar qualquer coisa. É uma curiosa regressão civilizacional. A sociedade tornou-se tecnologicamente adulta e pedagogicamente infantil. Inventámos plataformas digitais, inteligência artificial e viagens espaciais, mas continuamos a precisar de reunir os progenitores de um adulto para lhes dizer onde fica a secretaria da faculdade.

Há nisto qualquer coisa de profundamente cómico, mas também de inquietante. A infância, que deveria ser uma fase da vida, parece estar a transformar-se numa espécie de estatuto administrativo vitalício. Os pais já não acompanham apenas os filhos. Representam-nos, supervisionam-nos, esclarecem-nos, antecipam-lhes dificuldades e, quando possível, evitam-lhes o incómodo de descobrirem que a vida adulta contém uma coisa bastante desagradável chamada responsabilidade. Talvez estejamos a confundir afeto com tutela e proximidade com dependência. Ou talvez simplesmente tenhamos decidido que crescer é uma experiência demasiado desagradável para ser entregue aos próprios interessados. Se assim for, proponho que se avance até às últimas consequências. Receção para encarregados de educação no primeiro emprego. Reunião de pais antes da assinatura do contrato de arrendamento. Sessão de esclarecimento para progenitores antes do casamento. E, para os casos mais delicados, uma comissão de acompanhamento familiar antes de o filho comprar uma torradeira. Sempre me pareceu que educar uma criança consistia, entre outras coisas, em prepará-la para deixar de precisar de nós. Agora parece que estamos empenhados no empreendimento exatamente inverso: criar adultos que, apesar de legalmente maiores, continuem pedagogicamente em regime de "menoridade assistida". E depois admiramo-nos de que os mais novos tenham dificuldade em crescer. Se nunca os deixarmos sair da infância, ao menos teremos a vantagem de poder continuar a ser convocados para as reuniões de pais. Até aos sessenta anos, desconfio



eu... Luís Galego. Imagem: O jovem Vasco [Santana], eterno estudante de Medicina na Faculdade de Medicina de Lisboa, e a preocupação permanente das suas diligentes encarregadas de educação: as tias, sempre prontas a zelar para que a Medicina, um dia, finalmente acontecesse.) —

Adiante extratos do programa, da reportagem na "Flama", cópia do livro mais proibido de Zeca Afonso e sinopse de 'Fuenteovejuna' de Lope de Vega.



3ª à esquerda na última fila

